

POSSIBILIDADES PARA UMA MISSIOLOGIA DO SUL: DESBRAVANDO CAMINHOS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UMA PRÁTICA MISSIONÁRIA CONTEXTUALIZADA E DESCOLONIZADA

Analzira Pereira Nascimento

Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e do Programa de Mestrado do Seminário Teológico da Convenção Batista de Angola.

Email: anziramissao@gmail.com ORCID: 000-00002-1182-1926

POSSIBILIDADES PARA UMA MISSIOLOGIA DO SUL: DESBRAVANDO CAMINHOS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UMA PRÁTICA MISSIONÁRIA CONTEXTUALIZADA E DESCOLONIZADA

Resumo

Vivemos um tempo de rápidas e intensas mudanças que trazem novos desafios para a missão da igreja no mundo. Como família de Deus ao redor do planeta, se queremos de fato cumprir nossa missão na sociedade contemporânea e impactar comunidades, precisamos reconsiderar nossos métodos de abordagens, estar dispostos a reconhecer onde nos perdemos e ter a coragem para analisar qual prática missional podemos adotar que preserve os princípios da Palavra de Deus, obedeça ao mandato de Jesus e ao mesmo tempo tenha uma linguagem que consiga criar espaços de diálogo com diferentes segmentos da sociedade. Pensar “Missiologias do Sul” seria uma possibilidade corajosa para rever, e porque não romper, com paradigmas caracterizados pela manutenção e continuísmo, baseados mais em tradição e empreender uma busca por modelos autênticos e contextualizados que conversam melhor com os nossos desafios locais. Poderia ser uma alternativa para a descolonização do paradigma predominante de missão, especialmente práticas missionárias que se desenvolveram nas regiões da África, Ásia e América Latina.

Palavras-Chave: Missão; Missiologias do Sul; colonialidade; descolonizar; paradigmas.

Abstract

We live in a time of fast and intense changes that bring new challenges for the mission of the church in the world. As the family of God around the globe if we want to truly fulfill our mission in our contemporary society and impact communities, we must reconsider our approach methodologies and be willing to acknowledge where we have lost our way while having the courage to analyze which missional practice we can adopt to preserve the principles of God's Word, obeying Jesus' mandate, and – at the same time – having a language that can create room for dialogue with different segments of society. To reflect upon “Missiology of the South” would be a brave possibility to review, and why not break off with the paradigms characterized by the upkeep and continuum mostly based on traditions; as well as to search for authentic and contextualized models that better communicate with our local challenges. It could be an alternative for the decolonization of the predominating mission paradigm, especially missionary practices developed in regions of Africa, Asia, and Latin America.

Keywords: Mission; Missiologies of the South; decolonize; paradigm; contextualize.

Introdução

Sou missionária da JMM e trabalhei em Angola por 17 anos como profissional da saúde e na organização de alguns projetos de desenvolvimento durante o conflito armado. Fui para a África com muitos planos e intenções, mas o direcionamento de Deus conduziu para um projeto inusitado que me surpreendeu totalmente: a implantação do Seminário Teológico Batista do Huambo.

Esta escola era não só um centro de formação, mas uma incubadora e aceleradora de vocações e talentos. A partir dali, com o protagonismo dos estudantes ou parceria com outros jovens, vários projetos foram desenvolvidos que trouxeram grande impacto na cidade, entre eles: Lanchonete Ekuku, Educação de adultos, Centro Profissionalizante para Mutilados de Guerra no Lobito, Centro Médico Lobito, Colégio Batista do Huambo, Escola de ensino fundamental no Presídio do Huambo, Projeto Quem Ama Espera, Projeto Tabita – cooperativa feminina, e Creche Mirian.

Uma boa estratégia para atuação missionária numa região carregada de vulnerabilidades, aqui neste caso, um país com algumas restrições em decorrência da situação de guerra e também por seguir uma orientação ideológica marxista-leninista foi: amizades locais, discipulado com vida compartilhada e formação de liderança. Era uma pedagogia da vivência: sofrendo e lutando juntos pela sobrevivência, transfundindo vida intensivamente em todo o tempo e em todo lugar.

A transitoriedade e sentido de urgência que a guerra gerava, pressionava a população a se preparar para mudanças abruptas e ao mesmo tempo, desafiava a igreja a estar mais sensível às rápidas transformações do seu contexto e a necessidade de adequar suas respostas às novas realidades que eram impostas pela devastação do conflito armado.

Em meio a esta crise, a cada dia mais constatava que o nosso paradigma de prática missionária não conseguia mais responder a estes novos desafios de tempos turbulentos. Nossa prática missionária refletia um modelo formatado em outro continente, em outro contexto, em outro século. O descompasso provocava uma inquietação e trazia coragem para avaliar estratégias e rever paradigmas em uso.

EPISTEMOLOGIAS DO SUL E PRÁTICAS COLONIALISTAS

O conceito de Epistemologias do Sul[1] atualmente tem sido um dos temas mais debatidos pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos em suas palestras e livros. É uma proposta que dá voz a saberes que foram silenciados por séculos. São novas maneiras de produção de conhecimento que tentam ir além das fronteiras do norte global e escapar das ideias hegemônicas que foram normatizadas pelo Ocidente. O autor defende a inclusão de paradigmas que rompem com a lógica colonialista – imperialista, nos nossos mapas de referências.

A ideia de superioridade ocidental pressupõe a diferença colonial, que transforma diferenças em valores.

Para o autor, as Epistemologias do Sul surgem diante da visão que o mundo é variado e diversificado em relação às culturas e saberes, mas que no decorrer da história da modernidade sobrepôs uma forma de conhecimento pautada no modelo epistemológico da ciência moderna, desconsiderando os outros saberes.

[1] Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul. O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo (DE SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula [orgs.]. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 19).

A dominação colonial é também uma dominação epistemológica que invisibilizou e subalternizou saberes de povos colonizados. Essa ação de sufocamento das demais epistemologias e suas culturas, acarretou no que o autor chama de epistemicídio[2].

Boaventura defende que o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal[3], ou seja, um pensamento dotado de buracos, aquele pensamento que é excludente em sua hegemonia e acaba por suprimir e opor-se a outras versões epistemológicas.

Quando falamos de “Sul Global”, também não estamos especificando necessariamente “lugar geográfico”, mas nos referimos a grupos que se sentem a margem do desenvolvimento econômico do Norte e não se alinham com pensamentos hegemônicos e epistemologias ocidentais. São especialmente povos que foram colonizados pelas potências europeias e não pactuam com um pensamento colonialista que contribuiu para a formatação de paradigmas que não respeitem a alteridade.

Os teóricos dos estudos pós-coloniais defendem que o colonialismo histórico terminou, mas ainda vivemos um período de colonialismo social, onde em sua maioria os países do sul que foram colonizados, estão numa posição de periféricos, excluídos das relações de poder comandadas pelas grandes potências. A partir deste contexto, emerge o conceito de colonialidade:

[2] Epistemicídio é a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena (De Sousa Santos; Meneses (org.), 2010, p. 17). A transformação do saber e do conhecimento em algo que pode ser objeto de apropriação privada, separado dos que o produzem, transportado, comprado e vendido, sujeito a formas de direito de propriedade estranhas ao contexto em que esse saber ou conhecimento foi produzido e apropriado coletivamente (De Sousa Santos et. al, 2018, p. 235).

[3] Pensamento abissal consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois mundos distintos: o mundo “deste lado da linha” (modos de sociabilidade metropolitana) e o mundo “do outro lado da linha” (modos de sociabilidade colonial). A divisão é de tal modo radical que “o outro lado da linha” desaparece como realidade, é produzido como inexistente (De Sousa Santos; Meneses (orgs.), 2010, p. 30ss).

que pode ser definido como uma estrutura de dominação ou padrão de poder que permanece enraizado em nossa sociedade, mesmo após o fim das relações coloniais. Em resumo, para não confundir, a colonialidade é uma consequência do colonialismo, contudo, os conceitos não são os mesmos[4].

O PARADIGMA PREDOMINANTE NA PRÁTICA MISSIONÁRIA EVANGÉLICA

Herdamos um modelo de evangelização que até hoje influencia bastante a nossa concepção de missão e conseqüentemente nossas práticas missionárias.

O entendimento segmentado e de certa forma limitado a respeito de missões e evangelismo obscurece e oculta a completa e fundamental mensagem bíblica sobre o grande propósito redentor de Deus presente nas Sagradas Escrituras, desde Gênesis até Apocalipse.

Sem uma leitura harmoniosa e abrangente dos dois testamentos, textos como Mateus 28:19-20 ou Atos 1:8, por exemplo, podem ser usados por algumas lideranças como pilares de uma compreensão fragmentada da missão de Deus, focada somente em pregação para salvação, e praticamente colocam missão como sinônimo de evangelização, excluindo o grande tema da *Missio Dei*: a redenção de toda a criação.

Também constatamos que a grande ênfase na necessidade de “salvar almas para um Reino de Deus lá no futuro” - para uma vida após a morte - produz uma compreensão teológica que reduz nossa missão a simples ações evangelísticas e não consegue dar respostas para as nossas demandas de hoje e aos grandes desafios contemporâneos e conseqüentemente, gerar uma mobilização para o envolvimento na *Missio Dei*.

[4] AVILA, Milena Abreu. **Colonialidade e Decolonialidade**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/>. Acesso em; 28 set. 2023.

Como estamos “só de passagem” pelo mundo... só aguardando a entrada no Reino Celestial (salvação), este paradigma é o mesmo que nos isenta de qualquer responsabilidade com a criação de Deus e destruição da natureza.

Também não nos envolvemos com os “problemas do mundo”: os conflitos armados e o sofrimento de populações civis inocentes, a desigualdade fruto da cobiça e ambição que leva grande parte da população mundial a passar fome, ser solidários em grandes desastres naturais, entre outros.

Baseada em minha pesquisa (Nascimento, 2013), uma hipótese que ainda vejo latente em nosso meio evangélico brasileiro é que, em nossos encontros com o “outro”, na ânsia de cumprir uma agenda eclesial, algumas vezes invisibilizamos o outro, não conseguimos reconhecê-lo como sujeito, ou seja, o paradigma evangélico de missão que predomina, continua a reproduzir a mesma lógica colonialista de dominação que reforça a negação da identidade do outro e o reduz a objeto.

A motivação algumas vezes é cumprir os nossos próprios objetivos. O outro é visto apenas como um “alvo” da missão, que mostra se alcançamos (ou não) os objetivos do “nosso” grupo.

O paradigma de missão que predominou muito tempo seguia uma lógica colonialista. Era um modelo de prática gerencial. Muito preocupada com metas (quantificar almas salvas), programas e estatísticas.

O discurso que enfatiza somente a salvação da alma também reforça a ideologia colonial, uma vez que os acontecimentos desta “vida temporal” não são importantes, e o que vale nesta vida é atingir a garantia do céu.

Como estratégia para reparação de erros do passado, as agências missionárias do Norte Global e também algumas do Sul estão implantando novas formas de governança nos programas em parceria com outros países dando pleno protagonismo para lideranças locais através do chamado policentrismo[5]. Observamos que estas organizações cristãs ao redor do mundo estão orientando os seus missionários a passarem toda a coordenação e o comando dos projetos para os nacionais, enquanto eles, como estrangeiros nestes países, cada vez mais vão assumindo papéis coadjuvantes. Entretanto, o ato de transferir o poder não descoloniza os relacionamentos porque as lideranças de países desenvolvidos ao firmar vínculos mais estreitos, vão normalmente priorizar seus homólogos ou patrícios. Por outro lado, as lideranças do sul podem conseguir a gestão e o poder local, mas continuarem com visão paternalista vendo missionários somente como um cartão de crédito, ou caixa forte.

No mesmo documento, a BMS adverte sobre o perigo do Policentrismo sem um bom planejamento. É necessário acontecer trocas, uma interculturalidade com intercâmbio mútuo de valores culturais num processo de aprendizado na base da reciprocidade.

Uma ênfase explícita nesse tipo de missão intercultural é importante por várias razões. Ele fornece um equilíbrio ao policentrismo, garantindo que a descentralização não leve a uma maior marginalização, garantindo um compromisso com o diálogo crítico e o aprendizado compartilhado daqueles que estão à margem.[6]

[5] “É caracterizado pela mudança de poder através da descentralização dos centros estabelecidos para as margens” (BMS World Mission. **POLYCENTRISM and intercultural mission: beginnings of organisational conversation.**, 2022, p. 1).

[6] BMS World Mission. 2022, p. 2.

Também não seria semelhante a uma proposta de autoteologização – significando que comunidades locais podem ser capazes de interpretar a Bíblia dentro do seu contexto – mas que precisamos preparar missionários que desenvolvam uma prática que quebre o ciclo de uma lógica colonialista, consigam romper com a monoculturalidade que silencia. Que não só respeite a cultura local, mas também a alteridade.

Esta valorização e o respeito ao outro foi muito presente no ministério de Jesus. Além de ser o grande exemplo de alteridade que renunciou a Sua glória para vir aqui e se tornar um de nós, Ele foi o grande Mestre que ensinava andando junto na caminhada diária. Seu método era o da identificação, do exemplo. Era uma pedagogia da vivência. Ele entrou no mundo deles. O seu discipulado não foi só de passar conteúdos bíblicos (paradigma bancário), trabalhando só no nível de cognição, mas repartindo vida e usando exemplos a partir do contexto e do cotidiano do seu público.

Geralmente em nossas abordagens ficamos só nos relacionamentos de superfície, depois cada um retorna para o seu mundo. Descolonizar é respeitar, é se tornar um deles, é sentar-se na mesma mesa com o mesmo poder de fala.

MISSIOLOGIAS DO SUL COMO POSSIBILIDADE PARA UMA PRÁTICA CONTEXTUAL E DESCOLONIZADA

Precisamos rever nossos paradigmas na prática missionária, geralmente mantidos mais pela tradição do que por uma análise e reflexão hermenêutica do texto bíblico. O mundo está passando por rápidas e intensas mudanças e vivendo uma crise de referências. As pessoas estão em busca de um sentido, mas nós cristãos já não podemos mais oferecer respostas na mesma embalagem que copiamos e que foi preparada em outro século, em outro continente e em outro contexto.

Mais do que nunca carecemos de modelos que respondam com maior assertividade aos novos desafios da sociedade e que contribuam para promover mais diálogos com as culturas locais. Reflexões missiológicas alternativas que levem em consideração as percepções e demandas de contextos no Sul global.

Aproveitando o conceito de Boaventura de Sousa Santos sobre Epistemologias do Sul, que “resgatam e valorizam os conhecimentos, experiências, práticas e saberes próprios dos povos do Sul”[1], e trabalham por uma busca de reparação de danos e impactos causados pelo colonialismo nas culturas, podemos pensar “Missiologia do Sul” como uma alternativa para a descolonização do paradigma predominante de missão, especialmente práticas missionárias que se desenvolveram nas regiões da África, Ásia e América Latina.

A Missiologia do Sul poderia trazer uma abordagem contextualizada e integral da missão, que enfatiza a importância da adaptação da mensagem do evangelho e das práticas missionárias às culturas e contextos locais. Ela valoriza o empoderamento de lideranças locais dando real protagonismo para vozes que foram silenciadas durante séculos e intencionalmente ignoradas pelo colonialismo.

Considerando a relação norte-sul, contextualizar tem a ver com metodologias e estratégias de trabalho nas abordagens para um determinado contexto. Pode até incluir busca por compreensão da cosmovisão local e desejo de produzir juntos, mas o norte sempre será superior, dará a palavra final e vai ser a referência a seguir.

Descolonizar tem a ver com disposição não só para rever métodos, mas mudança de atitude e decisão de ouvir o outro.

[7] DE SOUSA SANTOS; MENESES (orgs.), 2010.

Tem a ver com valorização e respeito a alteridade, não só “se colocar no lugar do outro”, mas buscar uma real identificação de propósitos e se tornar um deles. Equiparar, sentar na mesma mesa, dar voz às visões diferentes de mundo e opiniões que foram silenciadas tanto tempo e finalmente alcançar o mesmo peso de decisão e fala. É buscar objetivos comuns e não só determinação em cumprir metas com decisões unilaterais.

Não estamos em busca de uma missiologia que responda só a contextos do Sul Global, ou tenha mais sentido para estas regiões, mas lembrando que o paradigma missiológico ocidental foi formatado a partir de um contexto onde a igreja buscava formas de entender seu posicionamento diante das correntezas geradas pelas ideias iluministas que ameaçavam sua identidade, e ela para garantir sua sobrevivência, se resignou e se acomodou a uma posição imposta pelos novos movimentos de focar somente no “cuidado das almas”, enquanto os problemas da sociedade e do ser humano em geral não faziam parte da sua esfera de ação.

Como família de Deus ao redor do planeta, se queremos de fato cumprir nossa missão na sociedade contemporânea e impactar comunidades, precisamos reconsiderar nossos métodos de abordagens, estar dispostos a reconhecer onde nos perdemos e ter a coragem para analisar qual prática missional podemos adotar que preserve os princípios da Palavra de Deus, obedeça ao mandato de Jesus e ao mesmo tempo tenha uma linguagem que consiga criar espaços de diálogo com diferentes segmentos da sociedade.

Em 1 Coríntios 9:19-23, o apóstolo Paulo escreve que não só temos uma mensagem a oferecer, mas devemos ser uma mensagem! Não só falar, mas viver de coração... ser uma Mensagem. “...Tornei-me um servo voluntário de todos para alcançar todo tipo de gente, entrei no mundo deles e compartilhei da realidade deles. Fiz tudo por causa do Evangelho”.

Tanto o “tornei-me” quanto “fiz-me escravo”, estão juntos na mesma palavra no grego (doulos). Paulo fala sobre abrir mão das próprias vontades e direitos, a fim de alcançar a todos. É a imersão na cultura do outro, a fim de compreender as lógicas que regem seu contexto para que a efetividade do evangelho atravesse toda e qualquer cultura. No verso 23 ele revela sua grande motivação: “faço tudo isso por causa do evangelho, para ser coparticipante dele”.

Neste mundo atual cada vez mais fragmentado, definitivamente o que somos e como vivemos vai comunicar com maior eficiência e causará mais impacto do que uma vida religiosa que ainda preserva estratégias eclesiocêntricas de convidar pessoas para receber a salvação dentro da sua igreja. Relacionamento pessoal com Deus será mais importante do que fazer coisas para Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novos tempos trazem novos desafios que nos confrontam a reconsiderar nossa cosmovisão e nossos paradigmas.

A Igreja de Cristo encontra seu sentido de existir aqui na terra quando ela foca em servir a Missio Dei, e decide participar do que Deus está fazendo no mundo! Ela se envolve com a ordem de Jesus em Suas últimas palavras, de fazer discípulos de todas as nações. Em João 20:21 Jesus afirmou: “Assim como o Pai me enviou eu também vos envio”. Ele nos envia para ensinar outros a obedecerem tudo o que Ele ordenou e sermos Seus representantes em diferentes segmentos da sociedade. Por isso não podemos fragmentar o propósito da missão recebida só a “ganhar almas”.

Reduzir toda a nossa missão aqui neste mundo à “pregação para salvação de almas” é uma herança religiosa colonialista que reproduzimos, focada em gerenciabilidade, cumprimento de metas e objetivos que invisibiliza o outro.

Enquanto o paradigma salvacionista tem uma lógica eclesiocêntrica e reduz o objetivo primordial da missão em ações dos cristãos para propagar o cristianismo, o paradigma da *Missio Dei* é Teocêntrico e trinitário, que promove um maior engajamento do povo de Deus e traz compromisso com o que Deus quer fazer no mundo. O primeiro é perigoso pois pode se tornar antropocêntrico e desviar o foco do protagonismo de Deus, mas o segundo reconhece o sacerdócio de todo cristão, a diversidade das vocações no cumprimento dos propósitos de Deus para este mundo.

Incluiria trabalhar por uma cultura de fronteira, que consiga ter uma interação multicultural com outras vivências e novas realidades, mas sempre atentos aos direcionamentos de Deus e às necessidades do outro, numa busca incessante por respostas contextualizadas. Sim, precisamos não só conquistar o direito de ser ouvidos, mas decidir ouvir o outro!

Definitivamente missão agora não será só “trazer pessoas para a igreja”, mas ser presença de Deus na sociedade, servir, buscar a sintonia com o que Deus quer fazer no mundo, entender sua vocação e se engajar no cumprimento do propósito de Deus para toda a Sua criação.

E, se a missão é o movimento de Deus (*Motus Dei*) em direção ao mundo, precisamos estar atentos aos sinais dos tempos e lembrar que não só temos uma mensagem para as pessoas, mas devemos ser uma mensagem!

REFERÊNCIAS

CONVENÇÃO SOBRE A PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE DAS EXPRESSÕES CULTURAIS, PARIS, 20 DE OUTUBRO DE 2005, 2005, Paris. **Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais** [...]. Brasília : UNESCO, 2005: [s. n.], 2005.

21 p. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000149742/PDF/149742por.pdf.multi>. Acesso em: 22 dez. 2023.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura et al. **Construindo as epistemologias do Sul**: Antologia esencial: volume II: Para um pensamento alternativo de alternativas. 1ª. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. 746 p. v. 2. ISBN 978-987-722-383-5.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Descolonizar**: abrindo a história do presente. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2022. 128 p. ISBN 9786557172087.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula [orgs.]. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. ISBN 978-85-249-2107-0.

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a diversidade das culturas**: um guia de antropologia missionária. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 312 p. ISBN 8527502690.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**: uma análise antropológica de como as pessoas mudam. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2016. 400 p. ISBN 9788527506182.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado**: precedido de retrato do colonizador. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 192 p. ISBN 978-8520007709.

REFERÊNCIAS

MOVIMENTO LAUSANNE. **Compromisso da Cidade do Cabo**: uma declaração de fé e um chamado para agir. 1ª. ed. Viçosa: Ultimato, 2011. 148 p. ISBN 978-8586936814.

NASCIMENTO, Analzira. **Missão e alteridade**: Descolonizar o paradigma missiológico. Orientador: Jung Mo Sung. 2013. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização**: o risco de fazer missão sem se importar com o outro. 1ª. ed. Viçosa: Ultimato, 2015. 160 p. ISBN 978-8577791170.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 194 p. v. 1. ISBN 978-8571102620.

TODOROV, Tzvetan. **Medo dos bárbaros**: para além do choque das civilizações. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. 240 p. ISBN 978-8532639868.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2014. 576 p. ISBN 978-85-275-0590-1

Texto recebido em 10.12.2023 e aprovado em 22.12.2023